

# PROMESSAS

RUBEM BRAGA

1232  
Promete-nos o presidente Dutra, em seu discurso de 1.º de maio, que "as refinarias serão montadas, e se-lo-ão dentro dos princípios da mais estrita moralidade administrativa".

Não diz como. Não diz principalmente se o governo persistirá em manter as concessões aos dois grupos.

Sobre um desses grupos, ligado ao governo, estão pesando acusações muito sérias, que até o momento não foram respondidas. Tudo o que foi demonstrando pela presidência da Republica através do sr. Acurcio Torres é que não houve, em tudo isso, uma violação flagrante de texto legal. Mas a propria exposição governamental prova, para quem não é totalmente pascácio, três coisas: a) houve e há favoritismo; b) os concessionários não dispunham nem de terreno, nem de capital, nem de técnica; c) já perdemos um tempo precioso, pois até o momento não se fez nada.

Negou o governo enfaticamente que o Banco do Brasil tivesse aberto um crédito aos concessionários, isto é, que o governo tivesse fornecido aos capitalistas o capital que ele, governo através de mil favores da concessão, pretendia atrair. Não negou que o crédito tivesse sido pedido. Não pôde negar também o fato — constante de discursos oficiais e entrevistas officiosas — de que o proprio governo anunciaria sua decisão de dar êsse auxilio. Só demonstrou, afinal, ter razão neste fato: o crédito não foi concedido. Ora, tudo está inciando que sem isso os concessionários não farão coisa alguma. E agora? O governo, que faz questão de dizer tão entaticamente que não deu o crédito, vai dá-lo? Ou vai ficar ampliando todos os prazos e esperando indefinidamente que se faça alguma coisa?

"Asseguro-vos que a atoarda levantada não me afetará o julgamento" — diz o general Dutra. Assim esperamos.

Mas essa "atoarda" e mais essa campanha de descrédito habilmente articulada, sagazmente dirigida e solertemente desfechada", êsses "laivos de mendacidade e de malicia", êsse "falsamento, por sistema, dos fatos e dos propositos" (é assim que o general se refere às criticas formuladas sobre o assunto) resultaram, afinal, — pois das explicações dadas pelo governo, ser fundamentalmente razoáveis e patrióticas.

Estamos diante deste fato: a chamada "solução Dutra" não deu certo. Não vamos negar boa fé ao sr. presidente da Republica, em bora êle tenha a leviandade, que lhe fica muito mal, de negá-la aos outros. Mas essa boa fé não nos conduziu até agora, neste caso, a parte alguma, a não ser a uma grande perda de tempo.

Que fazer? Pode perfeitamente o proprio governo construir as refinarias, como monopólio de Estado. Pode formar sociedades mistas. Terá o general Dutra a coragem ou a clarividencia necessárias para adotar uma dessas duas soluções, embora elas contrariem os interesses de certos grupos?

A Camara, através de uma especie de moção feita para impedir que fôsse aprovado um rapapé humilhante proposto por um sr. Manuel Novais qualquer, confia em que o presidente da Republica saberá, etc. etc.

Eu também confio. Mas diante da maneira pela qual o presidente da Republica põe em duvida, nesse seu discurso, a boa fé de seus criticos (entre os quais estão um Hermes Lima, um Vealsco, um Horta Barbosa) eu peço licença para desconfiar um pouco...

3.5.49